



Caderno 2

Uma mulher no limite

Sebastian Schipper fala do filme 'Victoria', rodado num só plano

Pág. C8

Inhotim cria pavilhão para o trabalho da fotógrafa Claudia Andujar com os ianomâmis

Camila Molina | BRUMADINHO

Na década de 1970, quando a fotógrafa Claudia Andujar começou a trabalhar entre os ianomâmis, eles decidiram chamá-la *napé yômã*, “mulher estrangeira”. Este ano, quando foi inaugurado o mais novo pavilhão do Instituto Inhotim, em Minas Gerais, dedicado à artista, os índios o batizaram de *maxita yano*, “casa de terra”. Construção de tijolos à vista no meio da mata, a galeria de 1,6 mil m² e com mais de 400 fotografias em seu interior se torna agora um museu para uma das mais importantes experiências artísticas – e ativistas – realizadas com um grupo indígena no Brasil.

Desde o início do projeto, em 2010, a Galeria Claudia Andujar, que consumiu R\$ 12 milhões (leia mais abaixo), nasceu com o objetivo de ser um espaço para o legado da já antológica obra criada do encontro da fotógrafa com os ianomâmis e com o território amazônico. “Existia um desejo de mostrar esse trabalho de uma maneira inédita já que ele sempre foi exibido de forma mais fragmentada, mais parcial”, diz Rodrigo Moura, diretor artístico de Inhotim e curador do pavilhão.

A instituição adquiriu cerca de 500 fotografias feitas pela artista, principalmente, entre 1971 e 1983 – mas há também uma série comissionada, *Tootobi*, de imagens coloridas e digitais clicadas por ela em 2010 no Amazonas; além de publicações como o livro *Mitopoemas Yãnomam* (Olivetti, 1978), realizado com Carlo Zacchini, e o exemplar da extinta revista *Realidade*, que enviou a fotógrafa no início dos anos 1970 à Amazônia por conta de edição especial sobre a região.

Nascida na Suíça como Claudine Haas, Claudia Andujar, hoje aos 84 anos, encontrou no Brasil o seu lugar. No filme *A Estrangeira* (2015, 98 min), lançado por Inhotim, Rodrigo Moura conduz entrevistas com a artista sobre sua trajetória – marcada pela 2.ª Guerra, pela criação em Oradea, cidade romena que pertencia à Hungria, e por vivência em Nova York até chegar em 1955 a São Paulo. Mais ainda, a filmagem



FOTOS DIVULGAÇÃO

Obra de vida. Ao lado, um dos primeiros retratos de ianomâmi realizados por Claudia Andujar em 1971; abaixo, imagem de 1974 registra o impacto da construção da rodovia Perimetral Norte

Uma obra de encontro

acompanha a fotógrafa em sua última ida ao território dos ianomâmis, em Roraima – fundadora, em 1978, da Comissão pela Criação do Parque Yanomami (CCPY), seu ativismo foi fundamental para a demarcação da terra indígena em 1992.

As obras da Galeria Claudia Andujar centram-se, assim, no seu “trabalho de vida” com a etnia, desde 1971. Sua atuação anterior, associada ao fotojornalismo e recentemente apresentada na mostra e no livro *Claudia Andujar: No Lugar do Outro*, organizados pelo Instituto Moreira Salles, ficou de fora do pavilhão da fotógrafa em Inhotim. “Ela já vinha fotografando lugares da Amazônia e outros índios, mas seu encontro com os ianomâmis tem um poder de transformação dela como pessoa e como artista”, afirma Rodrigo Moura.

Segundo o curador, mais do que documentar o povo indíge-

na e registrar sua “imersão profunda” na cultura ianomâmi, Claudia Andujar inovou a utilização da fotografia nas criações do período contemplado em sua galeria, inaugurada em 26 de novembro. “Claudia propõe um tipo de partici-



DANIELA PAOLIELLO/DIVULGAÇÃO

Fotógrafa e ativista. Claudia Andujar em sala do pavilhão

pação do fotógrafo naquilo que está fotografando, que é de singularidade importante.”

O pavilhão dedicado à fotógrafa, projetado pelo escritório Arquitetos Associados, de Belo Horizonte (é a segunda maior galeria de Inhotim, fi-

cando atrás da que exhibe obras de Tunga), expõe as imagens de Claudia Andujar (grande parte, inédita, e exposta em séries completas) por meio de uma narrativa composta por três capítulos, explica o curador.

Primeiramente, está *A Terra (E a água)*, “que tem muito a ver com a maneira como os indígenas entendem a cultura, a partir da natureza”. Fotografias como os 25 registros do Rio Negro e os de uma vitória-régia são destaques. O segundo desmembra-se no subcapítulo *Amazônia (s)*, que, curiosamente, apresenta os primeiros retratos de ianomâmis da artista, feitos em cor.

Mais adiante, o visitante encontrará o principal núcleo da galeria, *Yanomami – O Ser Humano*, que contempla os belos retratos em preto e branco dos índios realizados por Claudia Andujar. As obras tradu-

zem os anos de sua maior imersão com os ianomâmis (de, principalmente, 1972/73 e de 1977/78). “São muitas fotos do xamanismo, forma de cultura elevada deles, e também a ideia do retrato, da representação do corpo, do indivíduo”, afirma Rodrigo Moura.

Por fim, está o bloco *Contatos*, que trata do olhar para o conflituoso choque dos índios com o “homem-branco”. Imagens do período da construção da rodovia Perimetral Norte e do impacto do garimpo no território ianomâmi são temas de obras do segmento, assim como a série *Marcados* (1981-83), composta de retratos feitos durante campanha de vacinação. Já a última sala do pavilhão foi um desejo da artista – ela doou desenhos criados por indígenas, conjunto que, nos anos 1970, a ajudou a conhecer a mitologia e os sonhos de um povo.

Nova galeria testa modelo de gestão para tempo de crise

♦ Pela primeira vez, um espaço expositivo da instituição contou com patrocinador para sua construção

BRUMADINHO

♦ A Galeria Claudia Andujar, que foi inaugurada com pajelança (dez ianomâmis estiveram presentes na celebração) e a realização de seminário com a participação dos líderes indígenas Davi Kopenawa e Ailton Krenak, marca também a experimentação de novo modelo de gestão em Inhotim, diz seu diretor executivo, Antonio Grassi. Pela primeira vez, um pavilhão do instituto

contou com patrocinador para sua construção – no caso, o Santander, que custeou cerca de R\$ 2 milhões (ou 15%) dos R\$ 12 milhões consumidos pelo projeto.

“Além da crise geral em torno de patrocinadores, também nos afeta a questão do minério. A Vale, que é nossa patrocinadora master, tem diminuído a cada ano sua possibilidade de patrocínio”, explica Grassi. A empresa é uma das proprietárias da mineradora Samarco, responsável pelo recente rompimento de barragem em Mariana, causador de um dos maiores desastres ambientais da história do País.

A grande galeria dedicada à obra da fotógrafa Claudia Andujar, projeto que levou cinco anos de realização, é o 19.º pavilhão permanente de Inhotim,



WILLIAM GOMES/DIVULGAÇÃO

'Casa de terra'. Fachada da Galeria Claudia Andujar

que completará 10 anos em 2016. Como conta Grassi, o Santander entrou como patrocinador para a finalização da construção do espaço. Mais ainda,

25 patronos contribuíram, cada um, com R\$ 25 mil – e receberam em contrapartida um múltiplo com três imagens da artista. Como diz o diretor, a expe-

riência já mostrou que, além da construção, é necessário também pensar na manutenção dos pavilhões – já estão previstas, por exemplo, galerias para os artistas Ernesto Neto e Anish Kapoor, que doaram obras em comodato, conta. “Criar um formato que procura sustentabilidade é uma meta difícil. As instituições no mundo inteiro não são autossustentáveis.” Segundo ele, o empresário Bernardo Paz, criador do centro de arte contemporânea que conta 1,3 mil obras em seu acervo, participa hoje com cerca de 20% do orçamento do instituto. /C.M.

A REPÓRTER VIAJOU A CONVITE DO INSTITUTO INHOTIM

• **Números**
12 milhões de reais foi o custo da Galeria Claudia Andujar de Inhotim

500 obras da artista foram adquiridas pelo instituto, que exibe 400 delas no novo pavilhão

19 galerias permanentes existem hoje em Inhotim

2 milhões de visitantes foi a marca alcançada pelo instituto

3 milhões de reais é o montante previsto para construção de galeria dedicada a Ernesto Neto